



INTEGRAÇÃO ENTRE GRUPOS PET: APRENDENDO A SER PROFESSOR EM CONJUNTO

INTEGRATION AMONGST PET GROUPS: LEARNING TO BE A TEACHER TOGETHER

Ana Clara Emanuele Rezende
Universidade Federal de Goiás
ana23456@discente.ufg.br

Marcos Henrique Alves Chaves
Universidade Federal de Goiás
marcoschaves@discente.ufg.br

Maria Eduarda Viana Batista Camargo
Universidade Federal de Goiás
viana_eduarda@egresso.ufg.br

Wellington Cedro Lima (orientador)
Universidade Federal de Goiás
wcedro@ufg.br

Artigo

Resumo:

Objetiva-se neste trabalho, refletir pelas lentes da Teoria Histórico-Cultural (THC) sobre uma oficina realizada na Universidade Federal de Goiás (UFG), ministrada pelos bolsistas do Programa de Educação Tutorial da Matemática Licenciatura, envolvendo também o grupo PET Licenciatura Intercultural Indígena, da mesma instituição. Na oficina realizada observamos momentos de dificuldades em relação à docência dos professores em formação. Com isso, nos ocuparemos de discussões sobre as potencialidades de superação de adversidades no planejamento e na execução da oficina realizada. Foi possível realizar a análise dos resultados, por meio do diário de bordo, escrito pelos próprios autores durante a realização da oficina, relatos das reuniões ordinárias de ambos os grupos e, por meio da THC, uma reflexão crítica a respeito das ações coletivas, subjetividades e a importância da linguagem. Dessa forma, trataremos das possíveis contribuições da cooperação entre os grupos para a formação de professores e, de maneira geral, para o ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Cooperação; Oficina; Professores.

Abstract:

The objective of this work is to reflect through the lenses of Cultural-Historical Theory (CHT) on a workshop held at the Federal University of Goiás (UFG), taught by scholarship holders of the Mathematics Tutorial Education Program (TEP), also involving the TEP group Indigenous Intercultural, from the same institution. In the workshop held, we observed moments of difficulties in relation to the teaching of teachers in training. With this, we will focus on discussions about the potential for overcoming adversities in the planning and execution of the workshop held. It was possible to analyze the results, through the logbook, written by the authors themselves during the workshop, reports from the ordinary meetings of both groups and, through CHT, a critical reflection regarding collective actions, subjectivities and the importance of language. In this way, we will address the possible contributions of cooperation between groups to teacher education and, in general, to teaching and learning.

Keywords: Cooperation; Workshop; Teachers.

1. INTRODUÇÃO

No processo de formação de professores, em algumas instituições de ensino superior (IES) federais, além das disciplinas oferecidas pela grade curricular, há também oportunidades extracurriculares, organizadas pelo Ministério da Educação, como os programas: Residência Pedagógica (RP), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Educação Tutorial (PET). Cada um desses programas de graduação tem objetivos e diretrizes distintas e são compostos por bolsistas, voluntários (todos estudantes da graduação, licenciados e/ou bacharelados) e tutores (professores da instituição), em que desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Essas atividades, são de grande importância no contexto da formação de futuros professores a medida em que viabilizam a oportunidade de vivenciar à docência na prática, e refletir/discutir com seus pares, em um conjunto, as experiências vividas, possibilitando a articulação dos conteúdos estudados nas graduações com as ações desenvolvidos e a atividade docente.

“Conforme afirma Libâneo (2008), nos cursos de formação de professores a disciplina de Didática tem tratado de vários temas, menos daqueles que ajudam os professores a atuar nos processos de aprendizagem dos alunos” (Sforni, 2014, p.11). É preciso indicar, também, que as grades curriculares das licenciaturas contam, em sua maioria, com um amplo conteúdo de cunho teórico, basilar para a organização de uma prática docente reflexiva, crítica e pautada na ciência. Entretanto, a apropriação da atividade de ensino se dá, partindo da Teoria que fundamenta este

trabalho, ao contato do sujeito, professor, com o espaço de organização sistemática para a apropriação da cultura e dos conhecimentos historicamente construídos - a escola.

A natureza particular da atividade de ensino, máxima sofisticação humana inventada para possibilitar a inclusão dos novos membros de um agrupamento social em seu coletivo, dará a dimensão da responsabilidade dos que fazem a escola como espaço de aprendizagem e apropriação da cultura humana elaborada (MOURA, 2010, p.82).

Dada a responsabilidade prenunciada à futuros educadores é necessária a reflexão quanto à suficiência dos estágios curriculares para que os licenciandos se tornem, ou ao menos comecem a ser (tendo em vista que a apropriação da prática acontece de forma intermitente e inerente ao trabalho do educador), professores antes que sejam licenciados. Em diversas Instituições, a exemplo da Universidade Federal do Goiás, em seu curso de Licenciatura em Matemática, os estágios, que, desconsiderando situações pontuais e a participação em projetos (que por diversas razões não se faz possível a todos), são, teoricamente, o contato inicial (e final, enquanto processo de formação) do graduando com a sala de aula. Pela impossibilidade de expansão da duração do curso (4 anos, no caso do exemplo citado) os estágios se organizam na metade final do curso, ocorrendo concomitantemente a outras disciplinas e carregam consigo a necessidade de propostas investigativas (a serem organizadas nos semestres letivos).

Seria, portanto, possível formar-se professor e organizar, baseado nos conhecimentos do currículo da graduação, uma prática que destoe daquela vivenciada em todo o percurso da educação básica? No contexto das aulas de matemática, por exemplo, ainda estão arraigadas às tendências pedagógicas liberais, com um ensino mecânico e repetitivo, objetivando a memorização e repetição do conteúdo. Essas metodologias de ensino, descartam o uso da mediação, em uma perspectiva histórico-cultural, pautada na importância de que os estudantes percebam o sentido e necessidade da apropriação do conhecimento e reflitam sobre o conteúdo ensinado, para que, desse modo, consigam fazer relacionar os saberes aprendidos à suas respectivas realidades.

Por isso, neste artigo, trataremos de questões e importâncias relacionadas ao desenvolvimento de uma oficina, envolvendo dois grupos PET's, que refletem o processo do "aprender fazendo", mediados uns pelos outros e pelos professores tutores dos grupos, em cooperação, e, nesse caso, aprender ministrando aulas, em uma perspectiva de autonomia dos sujeitos e a da construção de um espaço em comum. Ao refletirmos sobre a temática, percebemos e relacionar os conteúdos estudados nas disciplinas da graduação e dos estudos coletivos no nosso grupo PET para a construção de nossa prática e de nossa existência enquanto futuros educadores.

2. CONTEXTO

Com mais de 842 grupos PET espalhados pelo Brasil, na Universidade Federal de Goiás encontra-se 9 deles, tendo como objetivo proporcionar aos graduandos vivências extracurriculares que melhorem a qualidade da aprendizagem e, conseqüentemente, o nível dos futuros profissionais formados.

Um dos grupos PET da UFG é voltado para os graduandos do curso de Licenciatura em Matemática, o PETMAT. Criado em 2007 e em atividade até os dias atuais, é constituído por 12 bolsistas e um tutor. Nesse programa, desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão intra e multidisciplinar, atualmente estão ativos 6 projetos além das ações pontuais que são realizadas uma vez por semestre.

No semestre de 2023/1, o Tutor de outro grupo PET da UFG, propôs que o PETMAT planejasse e desenvolvesse uma oficina, que abordasse alguns conteúdos da matemática básica, com o propósito de qualificar os membros de seu grupo. O grupo em questão é o PETLI, Programa de Educação Tutorial da Licenciatura Intercultural, que é composto por 12 estudantes do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI).

Dentre os bolsistas do PETLI presentes, haviam representados onze povos, sendo eles: Tapirapé, Bororo, Krahô, Xavante, Akwê, Krikati, Kayabi, Pycopcatiji, Karajá-Xambiva e Kuikuro. Que se distinguem em diversos aspectos, como suas culturas, localizações, cosmologias, tradições, crenças, saberes, costumes, línguas e convergem em muitos outros.

Devido ao PETLI ser composto por povos indígenas de diversas etnias, que permanecem na UFG por um curto período a cada semestre e retornam as suas localidades para exercerem sua profissão, a maioria das suas atividades são realizadas remotamente. Dada essa questão, os bolsistas desse grupo e o Tutor notaram que havia uma dificuldade relacionada aos conteúdos matemáticos, e, por isso, recorreram ao grupo PETMAT para contribuir para o entendimento de tais conteúdos.

Quando o tutor do grupo PETMAT relatou a proposta recebida, o grupo discutiu acerca do interesse dos petianos em realizar tal oficina, e, de forma unânime, todos concordaram que seria uma ação positiva.

3. DESENVOLVIMENTO DA OFICINA

Dispomos de uma semana para realização do planejamento e divisão das equipes responsáveis, até porque tínhamos 3 dias disponíveis, com uma hora e meia de aula cada, e a maior parte do grupo manifestou interesse de ministrar algum dos encontros. Para

cada aula, dois integrantes do PETMAT foram designados para ministrar os conteúdos, porém, todos os bolsistas deveriam estar presentes durante o decorrer das atividades.

Na reunião de planejamento, dividimos os temas da seguinte forma: para o primeiro dia aula, frações e números decimais, para o segundo, potenciação e, no terceiro, e último, radiciação. O material que decidimos utilizar foi uma apostila do curso “*Matemática Básica em Perspectiva*”, produzida por um dos projetos do PETMAT que recebe o mesmo nome que o curso (Coutinho *et al.*, 2013). Imprimimos duas unidades do material - as quais contemplavam os três conteúdos propostos - e entregamos a cada estudante para que acompanhassem as leituras, fizessem anotações e respondessem aos exercícios durante a aula (e posteriormente, visto que as apostilas ficaram com cada estudante).

As três aulas foram planejadas com a seguinte estrutura:

Quadro 1: *Divisão dos dias, conteúdos e tempo para a realização das atividades*

Dias	Conteúdos abordados	Tempo
Dia 1	Frações e números decimais	Exposição de Frações (25 min) Exercícios de Frações (15 min) Exposição Números decimais (25 min) Exercícios de números decimais (15 min)
Dia 2	Potenciação	Exposição de potenciação (40 min) Exercícios de potenciação (40 min) Desafio (10 min)
Dia 3	Radiciação	Exposição de Radiciação (40 min) Exercícios de potenciação (40 min) Desafio (10 min)

Fonte: acervo dos autores

Nos momentos de exercícios, realizados nas três aulas, a equipe PETMAT se atentou em propiciar uma parte da aula para que os bolsistas do PETLI resolvessem alguns exercícios, de forma individual, mas contando com um licenciando em matemática ao dispor. Em nosso planejamento percebemos que conteriam o mesmo número de integrantes em ambos os grupos, e assim seria possível realizar uma mediação individual nesses momentos.

Diante do exposto, o presente trabalho se ocupará de discussões sobre as potencialidades de superação de adversidades no planejamento e na execução da oficina realizada. Sendo assim,

buscamos refletir criticamente por meio das lentes da Teoria Histórico-Cultural a respeito das ações coletivas, nossas subjetividades, e a importância do uso da linguagem nesse processo.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar nosso estudo, utilizaremos a Teoria Histórico-Cultural, proposta por Vygotsky e Leontiev, que destaca a importância da mediação do outro na construção do conhecimento. Nesse sentido, consideramos, também, como base teórica, a Atividade Orientadora de Ensino, que, ao proporcionar situações de aprendizagem significativas e próximas à realidade dos alunos, pode ser uma importante ferramenta para a aprendizagem. Para embasar nossas análises acerca das práticas pedagógicas utilizadas pelos professores, nos baseamos em Moura (2010), que destaca a importância da atividade pedagógica na teoria histórico-cultural.

As reflexões que discorreremos neste escrito, pautadas na THC, frequentemente evocam a importância da linguagem para os processos de ensino e aprendizagem. Segundo o linguista soviético Mikhail Bakhtin: "A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra, apoia-se sobre o meu interlocutor" (1995, p. 113). Entretanto, a compreensão marxista de humano, da qual partimos, apesar de intrinsecamente alicerçada nas questões da linguagem transcende o aspecto da comunicação.

7

Pelo termo linguagem humana entendemos um complexo sistema de códigos que designam objetos, características, ações ou relações; códigos que possuem a função de codificar e transmitir a informação, introduzi-la em determinados sistemas. [...]. Portanto, a linguagem desenvolvida do homem é um sistema de códigos suficiente para transmitir qualquer informação, inclusive fora do contexto de uma ação prática. (Luria, 1987, p. 25).

A construção dos sujeitos, inseridos ou não em um mesmo contexto, se dá de maneira distinta - em aspectos ontogenéticos, de sociogênese e microgêneses - e, por essa razão, apesar de sabermos que, quanto ao ensino de matemática, "cada sociedade tenha uma maneira muito específica de entender o mundo que a cerca e formas específicas de contar e manejar quantidades" (Brasil, 1998, p. 159) abordaremos as questões de variedade cultural e linguística de forma tangencial e nos ateremos à diversidade entre os indivíduos e à linguagem em um sentido amplo, enfatizando os processos formativos e a coletividade.

5. REFLEXÕES SOBRE A OFICINA

No primeiro dia de oficina, iniciamos às 12 horas e 40 minutos, com um atraso de 10 minutos para que os estudantes encontrassem e se acomodassem na sala de aula. Como não conhecíamos os estudantes e nem suas dificuldades em relação ao conteúdo, no planejamento dividimos o encontro entre uma exposição de 30 minutos sobre frações, e a realização de exercícios referentes a esse tópico em 15 minutos, de maneira similar aconteceria para o conteúdo de números decimais.

Entretanto, a execução não ocorreu da maneira planejada, afinal, mutuamente estávamos conhecendo uns aos outros e entendendo as dificuldades de cada indivíduo. Como somos professores em formação, em algumas ocasiões nos encontramos em um impasse, pois os alunos foram participativos e engajados, perguntando e requisitando reformulações de nossa explicação, demandando um tempo que apesar de previsto no planejamento, excedeu-se demasiadamente. Quando ocorriam situações como essas, era possível observar a unicidade não somente entre PETMAT, mas também entre os membros do PETLI que tentavam contribuir, entre si, com o processo de ensino e aprendizagem.

A *figura 1*, registrou um dos diversos momentos em que aconteceram essas “reformulações” referidas anteriormente, nesta figura, uma das ministrantes, ao explicar o conteúdo de frações, mais especificamente, suas classificações e operações fundamentais.

Figura 1: mediação do conteúdo frações, a ministrante desenha no quadro diferentes representações e as explica.



Fonte: acervo dos autores

No quadro-branco, recurso que os licenciandos de matemática optaram por usar para a exposição do conteúdo, é possível notar a representação geométrica, algébrica de três frações, sendo elas um meio, dois quartos e quatro oitavos. Mais abaixo do quadro, nota-se um desenho de três maçãs, que se relacionam com cada uma das frações citadas anteriormente, na tentativa de

destacar/ilustrar que as proporções são as mesmas nas três frações: todas elas referem-se à metade da maçã, $\frac{1}{2}$.

Essas diferentes representações não pertenciam ao planejamento inicial da aula, entretanto, devido às recorrentes indagações por parte dos alunos sobre as “frações equivalentes”, outro bolsista PETMAT, que acompanhava a aula, percebeu a possibilidade e sugeriu que a ministrante desenhasse tais frações da forma geométrica (particionando figuras planas) na tentativa de elucidar as dúvidas sobre o conteúdo proposto, uma vez que os estudantes pediram uma outra apresentação para além do “desenho da maçã” (isso também vê-se na *figura 1*).

Essas sugestões do colega que acompanhava se deram em um momento de impasse da ministrante, em que ela se deparou com questionamentos sobre o conteúdo e com o não funcionamento do exemplo das maçãs, e, devido ao nervosismo, apresentou dificuldades sobre como prosseguir a aula. Durante todo esse momento, estudantes de ambos os cursos foram muito participativos e colaborativos - tanto os membros do PETMAT, ao buscarem formas diversificadas de explicar o conteúdo e auxiliar à ministrante, quanto os licenciandos do PETLI, que buscavam questionar frequentemente, complementar e explicar para os colegas.

É indispensável discutir o fato de que, a soma de todos os “momentos não planejados” teve, como consequência, a inviabilidade da ministração sobre o conteúdo de números decimais - prevista no planejamento inicial. Os segundo e terceiro encontros foram organizados analogamente e, como supracitado, cada um tratou de um conteúdo específico diferente - potenciação e radiciação, respectivamente - todavia, ao contrário do primeiro dia, essas duas últimas partes da oficina seguiram como o planejado, respeitando a divisão de tempo prevista entre as etapas da aula. Em ambos os dias se mantiveram a participação ativa e a coletividade.

Sobre o tempo “insuficiente” do primeiro encontro é importante ressaltar que, ao percebermos o prolongamento da parte sobre frações, deliberamos, entre a equipe PETMAT presente, que, ao nosso entendimento, seria mais proveitoso utilizarmos todo o tempo da aula para a finalização das discussões sobre o conteúdo e a realização dos exercícios propostos, prezando pela qualidade do processo. Ademais, em reflexão posterior conjunta entre os ministrantes, imediatamente após a aula, decidimos que, tendo em vista que para “recuperar” o conteúdo não ministrado (decimais) seria necessário preterir algum dos conteúdos planejados para os próximos encontros, não retornaremos a esse tópico por entendermos que a existência de uma relação lógica direta entre os conteúdos de frações, potenciação e radiciação.

Outra oportunidade de perceber a participação ativa dos estudantes do PETLI na construção da aula, foram os momentos de resolução de exercícios, representados na *figura 2*, onde os próprios estudantes se disponibilizaram para resolver as questões no quadro, comentando as

questões com os demais colegas, instigando-os e exercitando, assim como os ministrantes, à docência.

Figura 2: Petianos do PETLI resolvem, formulam explicações e apresentam suas respostas à frente da turma



Fonte: acervo dos autores

Em alguns momentos de resolução de exercícios, integrantes do PETLI relataram não saber o próximo passo da resolução, logo, eles solicitaram auxílio de seus colegas e ministrantes. Ou seja, mesmo que alguns estudantes demonstrassem dificuldades com o domínio de algumas propriedades/instrumentos necessários para a resolução dos exercícios, não houve impedimento à participação deles nesses momentos, à medida em que tinham acesso aos demais - que prontamente contribuíram - construindo um espaço favorável e de não julgamento.

10

6. DISCUSSÕES À LUZ DA TEORIA

O grupo do PETMAT dispõe de alunos de diferentes períodos do curso e com uma gama distinta de experiências e vivências em ambientes de educação. Enquanto alguns já ministraram dezenas de aulas, para outros, aquelas seriam suas primeiras práticas. Essa diversidade permite que importantes momentos - como os já elencados - sejam possíveis, para exemplificar isso utilizaremos dos diários de bordo dos ministrantes, que descrevem ocasiões em que outros petianos pediam a fala para auxiliar os colegas, quando eles encontravam algum desafio ou erravam algum detalhe. Situações como essa permearam os processos da oficina - assim como permeiam os projetos ativos do PETMAT - desde o seu planejamento. Entendemos esses fatos como reflexo dos estudos acerca da Teoria Histórico-Cultural (THC) que norteiam as atividades do grupo.

Fundada por Vygotsky, a THC defende a tese de que somos, enquanto sujeitos, construtos sociais, frutos de nossos meios e da história. Tornamo-nos humanos por intermédio de nossas relações e interações sociais e do trabalho. Portanto, a educação e o trabalho do professor, como tudo o que permeia o existir da humanidade, se dá em coletivo.

Em seu texto “Estética Da Criação Verbal”, Mikhail Bakhtin, disserta sobre a importância de estar imerso nas variadas formas de comunicação verbal, na atividade do aprender. “A linguagem é o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos” (Filho, 2011, p.2) e, portanto, não pode ser dissociada dos indivíduos falantes - das suas experiências, concepções, comportamentos, situações sociais e, enfim, da atividade de ensino. Segundo Bakhtin, os sujeitos são produtos de tais interações que se dão de diferentes maneiras, em diferentes âmbitos, variando de acordo com suas esferas sociais.

Levando em consideração que a ação pontual realizada objetivou tanto a qualificação do público-alvo, no contexto dos conhecimentos de matemática básica, quanto dos bolsistas do PETMAT - no contexto de formação de futuros professores - faz-se, não só pertinente, mas imprescindível refletir acerca dos impactos da linguagem nos processos formativos e no processo vivenciado.

Durante as atividades realizadas, foram registradas situações que exemplificam este apontamento. O processo de mediação dos conceitos e conteúdo, na prática da atividade de ensino, nem sempre ocorre da maneira planejada pelo professor, afinal, o "sujeito-professor" e o "sujeito-estudante" pensam, interagem e entendem o mundo de formas distintas.

Essa dinâmica de expressar e "reexpressar" explicita-se, por exemplo, no trecho do diário de bordo (Figura 3) de um dos ministrantes do primeiro dia, quando tratamos de frações equivalentes por meio de representações como a de repartir maçãs em pedaços:

Figura 3: Trecho do diário de bordo de um bolsista do PETMAT que estava assistindo a aula de uma colega

neste momento os meninos não estavam entendendo muito bem, inclusive, eu ouvi

Fonte: acervo dos autores

Nesse momento a equipe percebe que a linguagem dificultou a compreensão dos “meninos” (graduandos do PETLI), entretanto, ao perceberem o entrave alguns estudantes relacionam o conteúdo às suas vivências, como indicado na Figura 4:

Figura 4: Trecho do diário de bordo de um bolsista do PETMAT que estava assistindo a aula de uma colega, comentando sobre o desfecho do exemplo das maçãs

Intendo resolver essa questão, os alunos nos deram um exemplo de tradições deles que pedio analisar maçãs. Eles pensaram e questionaram se a divisão dos lucros dos artesãos que eles vivem para os filhos seria um bom exemplo que tivesse a ver com o conteúdo apresentado.

Fonte: acervo dos autores

É preciso ressaltar que, ao aludir à ideia de linguagem, não nos limitamos à questão da língua, isto é, não entendemos a palavra maçã como o “problema”, nem mesmo a o objeto “maçã”, em si, mas a relação que tentamos, enquanto mediadores, estabelecer - ou seja, as conexões entre representação numérica e figurativa que tentamos propor, a forma com que, naquele momento comunicamos nossas ideias. Referimo-nos, então, aos complexos processos - entendidos, pela teoria, como processos superiores - entre o pensar e o expressar. Esse processo, presente em todas as relações humanas e, principalmente, sempre que um professor se propõe a ensinar é explicitado por Vygotsky ao dizer que

[..] o pensamento não se reflete na palavra, realiza-se se nela. Porém, às vezes o pensamento tampouco se realiza na palavra [...]. O pensamento não somente está mediado externamente pelos signos, internamente está mediado pelos significados. O fato é que a comunicação direta entre as consciências é impossível tanto física como psicologicamente. (Madri, 2001b, p. 342, apud Bernardes, 2008).

Sendo as intenções humanas mediadas pela linguagem, a formação dos sujeitos se dá em coletivo e é indispensável, então, que os tanto professores de matemática em formação, quanto os petianos do PETLI - que também estão formando-se professores -, estejam inseridos em contextos coletivos e permeados por ideias de coletividade, onde possam pensar e repensar acerca de sua prática, ajudar e serem ajudados, deliberar em conjunto, discutir, contestar e, sistematicamente, por intermédio da linguagem, se expressar - recorrendo a quaisquer relações necessárias e coerentes que carreguem em “arcabouço de apropriações

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Lopes (2016) “[...] é no compartilhar que o docente tem a oportunidade de apropriar-se de novos conhecimentos [...]”. A vivência possibilitada pela oficina se fez de grande valia ao proporcionar uma experiência fundamental para o processo formativo, na qual os futuros professores se depararam com situações por vezes tangenciadas pelas disciplinas das graduações (a medida em que a formação docente é ampla e a apropriação da atividade de ensino seja indissociável de vivências e da prática em sala de aula).

Para além disso, tornou-se explícito que essas situações, realizadas em coletivo, possibilitam, para futuros professores, uma construção ampla de si mesmos e da sua prática docente. Construir-se com o outro, permite a apropriação da (s) cultura(s), da linguagem, dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, assim, proporcionando instrumentos para lidar com necessidades não previstas nos planejamentos, que emergem em nossas aulas, minicursos, seminários, oficinas, enfim, - em uma perspectiva marxista - no trabalho do professor.

Contudo, a valia desse processo não é apenas unilateral, há também, para os estudantes, uma formação de um ambiente favorável à atividade de aprendizagem. Com um professor aberto para “auscultar” e discutir, há também liberdade para que o educando se expresse, seja na forma de questionamentos, histórias de vida ou outras diversas relações/complementações/sínteses que construímos ao entrarmos em contato com “novas” ideias e conceitos. Assim, possibilitando ao sujeito a apropriação da cultura, o aperfeiçoamento da habilidade de argumentação e ampliação de repertório, formando-se um cidadão consciente sobre as diferenças que o cercam. Afinal,

A linguagem não desempenha apenas o papel de meio de comunicação entre os homens, ela é também um meio, uma forma da consciência e do pensamento humano [...]. Torna-se a forma e o suporte da generalização consciente da realidade. (Leontiev, 1970, p.93).

Na oficina ministrada, ambos PET's reconheceram o aproveitamento, pois, após as reflexões coletivas de ambos os grupos, acordou-se que a oficina - inicialmente proposta enquanto atividade pontual - passará a ser um projeto ativo do PETMAT, a ser realizado sempre que os alunos do PETLI estiverem em etapa presencial, no campus da UFG. Além disso, o PETLI organizará, também, oficinas com diversas do contexto das atividades desenvolvidas pelo grupo e nos cursos de licenciatura ofertado pelo Núcleo Takinahaky.

Remetendo aos objetivos que constam no Manual de Orientações Básicas do Programa de Educação Tutorial (Brasil, 2006), a relevância de situações como estas é reforçada até mesmo nos encontros regionais e nacionais do Programa de Educação Tutorial, que de forma recorrente discutem a importância da integração e união dos grupos PET para a defesa e produção de conhecimento. Em nosso entendimento, a ideia de integrar está inserida diretamente na concepção

histórico-cultural de coletividade. As Licenciaturas, talvez por estarem diretamente conectadas com a construção dos sujeitos, ao mediar conceitos e a própria produção do conhecimento, sejam espaços precursores dessas ideias. Mesmo que não seja uma obrigação do licenciado professar ideias de coletividade, é de sua responsabilidade refletir sobre essas questões, não só para a sua prática enquanto formador, mas também enquanto sujeito de uma sociedade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem** (7. ed.). São Paulo, SP: Hucitec, 1995.
- BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. **Transformação do pensamento e da linguagem na aprendizagem de conceitos**. *Psicol. Educ*, São Paulo, n. 26, p. 67-85, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752008000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Manual de Orientações Básicas do Programa de Educação Tutorial**. Brasília, DF, 2006.
- COUTINHO, Raquel Kesciley Benfato. *et al.* **Matemática Básica Em Perspectiva: um caminho para a aprendizagem efetiva**. In: Congresso de Pesquisa Ensino e Extensão, 10., 2013, Goiânia. Anais do XI CONPEEX. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013. p. 10061-10065. Disponível em: https://eventos.ufg.br/SIEC/portalproec/sites/site7201/site/artigos/07_pet/07_pet.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.
- FILHO, Orizes Borges. **Bakhtin e o cronotopo: uma análise crítica**. *Intertexto*, Uberaba, v. 4, n. 2, 2012. DOI: 10.18554/ri.v4i2.200. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/200>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1970.
- LOPES, Anemari Roesler Luersen Vieira et al. Trabalho coletivo e organização do ensino de matemática: princípios e práticas. **Zetetiké: Unicamp & Feuff** – v. 24, n. 45 – jan/abr-2016.
- LURIA, Alexander Romanovich. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1987.
- MOURA, Manoel Oriosvaldo de. **A Atividade Pedagógica na Teoria Histórico-Cultural**. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.
- SFORNI, Marta Sueli de Faria **Didática e teoria histórico-cultural: marcos teórico-metodológicos para a organização do ensino de conteúdos escolares**. Supervisão de Ana Luiza Bustamante Smolka. Campinas, SP: [s.n.], 2014. RELATÓRIO DE PÓS-DOCTORADO. (1 recurso online (117 p.)), il., digital, arquivo PDF. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1863>. Acesso em: 29 jan. 2024.

Recebido: 11/01/2024

Aceito: 10/04/2024